

*José Bicca, auditor de finanças aposentado, líder do grupo musical Os Angüeras, é a personificação do festival da Barranca*

# Com a alma no Rio Uruguai

RENATO MENDONÇA

**P**ara enfrentar o desafio de descrever a Barranca, pode-se buscar ajuda no humor galponeiro (“Definir a Barranca é mais difícil que correr avestruz de tamanca em terra lavrada”) ou enveredar pela dramaticidade dos payadores (“A Barranca se reflete na barranca, a imitar a personalidade movediça da água do Rio Uruguai, em um redesenho constante das margens”). Melhor que jogar com as palavras, entretanto, é conhecer o homem com a alma no rio.

Ao lado do poeta e parceiro Aparício Silva Rillo (1931 – 1995), José Bicca sempre foi reconhecido como a personificação da Barranca, desde que o festival foi criado em 1972. E basta passear com o líder d’Os Angüeras pelo acampamento para saber por quê. Aos 68 anos, mesmo patriarca inconteste, é ele que toma a iniciativa de cumprimentar com um abraço forte tanto barranqueiros novatos quanto os taludos. A entrevista, Bicca prefere dar acomodado dentro do ônibus que lhe serve de morada durante o festival.

Depois de oferecer uma mordida em uma rapadura de amendoim, Bicca explica que a conversa ocorre em um ônibus Mercedes-Benz fabricado em 1965, que ele próprio – engenheiro mecânico frustrado, auditor de finanças públicas aposentado, electricista e encanador por hobby – reformou. O nascimento da Barranca é descrito por ele como se fosse uma obra de engenharia. Nos alicerces, a amizade dele e de Rillo, além da decepção que o grupo Os Angüeras teve com os festivais nativistas. Bicca lembra que, em 1971, durante a 1ª Califórnia da Canção Nativa, em Uruguaiana, alguém desafinou os violões dos Angüeras antes de o grupo abrir o festival.

– Adoro a Califórnia, mas nunca concordamos com esse clima de disputa.

Em 1972, durante um acampamento à beira do mesmo Rio Uruguai que corre a 20 metros do ônibus, ribanceira abaixo, ele e um grupo de amigos decidiram ocupar as noites de pescaria e de canha na Semana Santa com discussão de temas como folclore e culinária, à luz de um lampião a querosene da marca Coleman.

– As palestras se esgotaram logo, e, não lembro quem, sugeriu

que fizéssemos um festival de música nós mesmos.

O primeiro festival teve três correntes, sob o tema “Acampamento de pescaria”, proposto por Cláudio Oraindo Rodrigues, o Tio Manduca. Nico Fagundes, com *Eu e o rio*, venceu as composições de Carlos Castilhos e da dupla Rillo/Zé Bicca (todas as vencedoras da Barranca podem ser ouvidas no site [www.angueras.com.br](http://www.angueras.com.br)).

– Mas nem sei de onde tiramos o termo “festival”. O que nos move não é a competição, mas o reencontro – emenda Bicca.

Desde a primeira edição, a Barranca obedece dois mandamentos: mulher e quem não é convidado não entram. Bicca se diverte respondendo à pergunta que ele diz inevitável especialmente quando a repórter é mulher:

– Não permitimos presença feminina porque não temos como oferecer conforto para elas aqui no mato. Seria um custo alto demais. Além disso, poderia ser um motivo de dissensão. E só entram convidados porque é como se fosse um acampamento de amigos. Nosso móvel é o companheirismo. Se o Pavarotti quisesse vir, e soubéssemos que ele é borracho chato e mau companheiro, não viria. Comparo a Barranca a uma criação de cavalos crioulos. A gente começa com uns bichinhos, e depois vai melhorando o rebanho.

Bicca ri da imagem, mas logo em seguida se emociona. Diz que está tentando lembrar de todos que participaram da primeira Barranca. Quase chora ao sentir a presença de Rillo, mas se recupera para descrever que a lei na Barranca é estritamente “bocal”:

– Se existe alguém inconveniente, se ele sai com provocações políticas, por exemplo, acionamos a comissão da puteada. A pior punição é não ser mais convidado para vir ao festival.

No acampamento deste ano, Bicca se tornou mais que o símbolo da tradição da Barranca, personificando também a renovação: 35 quilos mais magro, Bicca superou a morte do parceiro Pedro Julião e os problemas de saúde de Sérgio Souza e decidiu reativar Os Angüeras. Mais: reuniu um grupo de jovens escalados como Angüeras juniores que deve garantir a renovação do grupo. Na madrugada de sexta para sábado, como há muito não fazia, Bicca trocou seu ônibus pela roda de tertúlia e foi como se avisasse: sua alma e as águas da Barranca continuam correndo.



Data Publicação : 22/04/2006

Caderno :Cultura

Editoria : Segundo Caderno

Ilustração : Foto

Assunto :

Contracapa, Música, Evento Musical, Tradição, Música gaúcha, Festival de Música

